

Orquidário

A close-up photograph of a cluster of white orchids, likely Catasetis, with prominent yellow and purple markings on their labellum. The flowers are arranged in a dense, branching pattern against a solid black background. The petals are white with some ruffled edges, and the overall composition is centered and fills most of the frame.

Volume 33, nº 1
Janeiro à julho de 2019

OrquidaRio Orquidófilos Associados

Revista Orquidário

ISSN - 0103-6750

Publicação da OrquidaRio - Orquidófilos Associados

Editor:

Dr. Carlos Eduardo Martins Carvalho

Comissão Editorial:

Dr. Cássio van den Berg

Dr. Eduardo Matos Nogueira

Dr. Felipe Fajardo Villela Antolin Barberena

Dr. João Sebastião de Paula Araújo

Dr. Luiz Menini Neto

A Revista "Orquidário" é propriedade da
OrquidaRio - Orquidófilos Associados.

Artigos relacionados a qualquer aspecto da Orquidofilia são bem-vindos e deverão ser submetidos ao Editor para apreciação. Todas as contribuições devem ser remetidas à OrquidaRio, digitalizadas em arquivos compatíveis com o sistema Windows. Os arquivos podem ser enviados pela internet ou por correio, gravados em CDs, DVDs ou Pen-drives. As instruções para publicações estão disponíveis no site www.orquidario.org, sob o item "Revista". Pedimos que as normas de publicações sejam seguidas por todos, tanto em relação ao texto, quanto figuras e outros anexos. Os artigos submetidos à "Orquidário" serão revisados por um especialista, que poderá ou não aceitá-los. No caso de aceitação, o revisor poderá fazer sugestões, devolvendo os artigos aos autores, para que sejam feitas as modificações necessárias. Os artigos aceitos aguardarão oportunidades de publicação. Quaisquer matérias, fotos ou outras ilustrações sem indicação de reserva de direito autoral, podem ser reproduzidas para fins não comerciais, desde que citada a fonte e identificados os autores. O título "Orquidário" é de propriedade da OrquidaRio Orquidófilos Associados, conforme depósito e registro legal na Biblioteca Nacional.

Correspondência:

OrquidaRio Orquidófilos Associados

Rua Visconde de Inhaúma 134/428

20.091- 007 - Rio de Janeiro, RJ

Telfax.: (21) 2233-2314

Email: orquidario@orquidario.org

Site: www.orquidario.org

Blog: boletimorquidario.blogspot.com



Diretoria Executiva 2018/2019

Presidente Edson Alves Cherem

Vice Presidente

Maria do Rosário de Almeida Braga

Diretores

Técnico - Guilherme de Paula Salgado

Adm. e Fin. – Peter Santos Tavares

Rel. Comunitárias – Lucia de Mello

Comissão de Exposições

Eliomar da Silva Santos

Sergio Inacio C. Velho

Comissão de Conservação

Maria do Rosário de Almeida Braga

Marcus Rezende

Paulo Pancotto

Conselho Deliberativo:

Presidente

Sergio Inacio C. Velho

Vogais:

Carlos Antonio A. de Gouveia

Fernando Setembrino

Paulo Damaso Peres

Sylvio Rodrigues Pereira

Presidentes Anteriores

Eduardo Kilpatrick - 1986-87

Álvaro Pessoa - 1987-90

Raimundo Mesquita -1990-94

Hans Frank - 1994-96 e 2001-02

Carlos A. A. de Gouveia 1997-98

Paulo Damaso Peres - 1999-00

Marlene Paiva Valim - 2003-05

M. do Rosário de A. Braga - 2006-09

Ricardo de Figueiredo Filho - 2010-11 e 2016-17

Sergio Inacio C. Velho - 2011-2015

CONTRIBUIÇÃO DOS SÓCIOS

Sócio Contribuinte (pessoa física residente no Rio de Janeiro - RJ e estados)		
☐ 12 meses - R\$ 180,00	☐ 24 meses - R\$ 320,00	☐ 36 meses - 470,00
Sócio Correspondente (pessoa física que não mora no RJ e entidades de qualquer estado)		
☐ 12 meses - R\$ 100,00	☐ 24 meses - R\$ 170,00	☐ 36 meses - 250,00
Sócio Pessoa Jurídica (orquidários)		
☐ 12 meses - R\$ 220,00	☐ 24 meses - R\$ 390,00	☐ 36 meses - 594,00

INDICE

Orquidário Volume 33, nº 1

Editorial	4
<i>Cattleya labiata</i> ‘Márcia Regina’ Carlos Keller	5
<i>Cattleya crispa</i> : Minha experiência de cultivo Luiz Antônio Moraes da Costa	7
<i>Leptotes bicolor</i> sub. esp. <i>serrulata</i> (Lind.): redescoberta uma pequena população na Serra dos Orgãos Carlos Eduardo M. Carvalho, Jorge Reis de Figueiredo e Cássio van den Berg	32



Capa: *Laelia crispa* var. pérola “Rendas”
Foto e cultivo: Luiz Antônio Moraes da Costa
Espécie endêmica da Mata Atlântica.



Última capa: *Cattleya guttata*.
Foto Carlos E. M. Carvalho
A foto da planta em seu habitat na restinga de Massambaba, crescendo numa moita de arbustos. A região sob forte impacto Provocado pela especulação imobiliária, coloca em risco diversas espécies da flora e fauna.

Editorial

Orquidário chega ao seu volume 33. Nossa querida Rosário se licencia da função de editora para tratar de assuntos pessoais. A captação de artigos, seleção, revisão, redação, editoração, são algumas das tarefas que o editor e o corpo editorial assumem para que a revista seja publicada. É uma tarefa que demanda tempo e esforço pessoal e sobretudo, uma atividade voluntária. Queremos aproveitar para agradecer-lá pelo trabalho desempenhado tão eficientemente e por tantos anos, atuando em várias etapas da produção deste periódico.

Eu assumo a tarefa de editor a pedido do nosso Presidente, até a conclusão de seu mandato.

Orquidário já se consagra no cenário das publicações especializadas em orquídeas como uma revista técnica. Resolvi convidar para compor o quadro editorial, alguns de nossos sócios, especialistas em suas áreas de atuação, para colaborarem com a tarefa de manter viva esta que é nossa principal publicação. Que sejam bem-vindos e bom trabalho!

As atividades ligadas às orquídeas tem ganhado uma nova dimensão depois do surgimento da web. As questões que antes se concentravam nos ambientes das sociedades físicas, hoje ganham grupos e redes sociais virtuais. Acompanhar o volume de informações produzidas diariamente pelos usuários destas mídias, tornou-se uma tarefa impossível. A orquidologia também foi impulsionada pela formação de diversos grupos de pesquisas em universidades e centros de pesquisa. Trabalhando em diferentes áreas estes grupos tem produzido um formidável volume de teses e artigos científicos que ampliam e fazem avançar o conhecimento que temos sobre as orquídeas. As atividades de produção e comércio despontam como uma atividade vigorosa e com grande potencial para crescimento nos mercados nacional e internacional e as perspectivas para os anos que se seguem são ainda mais promissoras.

Neste cenário, esta inserida a Orquidário.

Se tivemos nossa origem de uma dissidência da Sociedade Brasileira de Orquidófilos (SBO), voltamos às nossas origens com a reunificação em 1997 passando a denominação de Orquidário-Sociedade Brasileira de Orquidófilos. Motivos legais de adequação ao novo Código Civil, levou-nos a suprimir a Sociedade de nossa denominação. Não obstante, somos herdeiros de uma história de pioneirismo. Fomos a primeira sociedade orquidófila brasileira. Nossos quadros sociais já contaram com a participação de vultos da orquidofilia e orquidologia como Brieger e Pabst entre outros. A ilustradora botânica Margareth Mee, chegou a frequentar nossas reuniões assim como outras tantas celebridades.

De grande importância, tem sido o trabalho de educação ecológica de nossos associados, comprometidos com a preservação do meio ambiente e especificamente com a conservação das orquídeas no habitat. A Sociedade Brasileira de Orquidófilos protagonizou o processo de criação da primeira Unidade de Conservação (UC) de orquídeas no Brasil. A Reserva das Orquídeas nas propriedades da Companhia Nacional de Álcalis situada no município de Arraial do Cabo. Pleiteava-se a criação de uma área maior, o que foi conseguido bem mais recentemente com a adesão e o apelo de diversas outras entidades de preservação da vida silvestre. O Parque Estadual da Costa do Sol (PECS) foi de certa forma uma UC idealizada por orquidófilos preocupados com a preservação das diversas orquídeas nativas do nosso litoral.

Participar de uma sociedade como a Orquidário, não é apenas usufruir da beleza das orquídeas e suas exposições, é apoiar um trabalho silencioso de preservação do meio ambiente. Divulgue nossa sociedade e seu trabalho.

Carlos Eduardo M. Carvalho

Cattleya labiata 'Márcia Regina'

Carlos Keller
carloskeller@terra.com.br

The present chronicle reports the history of one classic cultivar coveted by orchid enthusiasts.

Em 1951 o mateiro Ângelo Talarico viajou na época da quaresma, (época de floração das labiatas), para o vilarejo, hoje município, de Lagoa dos Gatos, ao sul de Caruaru no Estado de Pernambuco. Essa área era conhecida como a que possuía a maior concentração de variedades de *Cattleya labiata*, a chamada 'flor da quaresma'. Próximo dali, por exemplo, um pouco mais à oeste na cidade de Panelas, foi encontrada uma *C. labiata* caerulea de muito boa forma, conhecida até hoje como *Cattleya labiata* caerulea 'Panelas', também uma labiata clássica. Esse mateiro coletou um caminhão cheio de plantas de *Cattleya labiata*, algumas floridas e muitas ainda com espatas e as trouxe para vender em São Paulo (na época não se tinha a consciência ecológica que se tem hoje). Em uma touceira toda enrolada, com o rizoma bastante entrelaçado, floriu esta amesiana extraordinária, a qual foi logo levada para ser vendida em uma loja de flores da Rua Líbero Badaró, no centro da cidade.



Essa loja era de propriedade de um senhor chamado João Boshard. Próximo dali, na Rua São Bento, um orquidófilo de nome Nicolau Capezzuto possuía um salão de pedicure e na hora do almoço sempre passava defronte da vitrine dessa loja de flores para admirar as novidades, que não eram os híbridos de agora, nem os inúmeros e variados *Phalaenopsis* atuais. As novidades eram ainda as orquídeas vindas do mato. Em uma dessas passadas ele se deparou com esta fantástica labiata e claro, comprou a planta na hora. Ficou de retirá-la no fim do dia. Outros orquidófilos que trabalhavam por ali, uma área de escritórios, também viram a planta e quiseram adquiri-la, mas já era tarde, ela já havia sido vendida ao Sr. Capezzuto e o dono da loja, o Sr. Boshard, foi fiel à venda que fizera. Como a touceira era muito grande, entrou-se em um acordo de que ela poderia ser dividida entre esses vários orquidófilos, ficando, no entanto, a parte florida com o Sr. Capezzuto. Assim foi feito, mas infelizmente apenas a parte florida era amesiana. Nas demais frentes, abriram flores de variedade tipo e de forma comum. Essa touceira, aparentemente de um indivíduo só, era na verdade constituída por várias plantas distintas entrelaçadas entre si. Muitos orquidófilos passaram a fazer fila na porta do salão do Sr. Capezzuto em busca de um corte dessa belíssima labiata e com a nova brotação, o primeiro corte disponível foi vendido ao orquidófilo Virgílio Perez, amigo íntimo do pedicuro. A filha do Sr. Virgílio chamava-se Márcia Regina e a orquídea foi então batizada com o nome dela. Daí para frente essa planta ficou famosa e foi dividida inúmeras vezes chegando até os nossos tempos sem rivais e sempre vista com muita admiração.



Apoie a luta para preservação dos habitats de orquídeas!
Junte-se a nós e vamos comemorar!!!



Cattleya crispa: Minha experiência de cultivo.

Luiz Antônio Moraes da Costa

luizantonio@gmail.com

Resumo: A *Cattleya crispa* é apresentada sob diferentes aspectos da espécie Como: habitat, cultivo, pragas e doenças, dando ênfase as variedades cromáticas das flores.

My experience on growing *Cattleya crispa* – Abstract: Different aspects of the species are shown on the present paper. Habitat, growing tips, pests and diseases, and flower color varieties are topics discussed and illustrated here in.

Key words: *Cattleya crispa*, habitat, varieties.

É uma orquídea brasileira, que foi classificada inicialmente como *Cattleya crispa* e posteriormente passou pelas denominações de *Laelia crispa*, *Hadrolaelia crispa*, *Brasilaelia crispa*, *Sophronitis crispa* e que, mais recentemente voltou a ser denominada de *Cattleya crispa*.

Nessa matéria, vou me referir a essa espécie como *Laelia crispa*. Nome esse, ainda muito utilizado no meio orquidófilo brasileiro e com o qual nos habituamos ao longo de muitos anos.

Não entrarei no mérito da discussão sobre classificação, já que o trabalho em questão é amador e tem como objetivo principal a divulgação da beleza das várias formas dessa bela espécie de orquídea através de fotografias, sem analisar aspectos científicos mais detalhadamente.

Habitat:

Vegeta nas florestas da Mata Atlântica, predominantemente no Estado do Rio de Janeiro, mas também pode ser encontrada nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo em regiões próximas ao Rio de Janeiro.

No Estado do Rio de Janeiro, apesar dos desmatamentos provocados pela expansão populacional e pela agropecuária, ainda é possível encontrá-la com certa facilidade no seu habitat, no Maciço da Tijuca, no Maciço da Pedra Branca, na Costa Verde, na Serra dos Órgãos e em outras cidades serranas.

Gosta de calor e umidade relativa do ar elevada, sendo mais freqüentemente encontrada em áreas próximas a córregos, cachoeiras, rios e lagos.

A temperatura média anual no seu habitat é de aproximadamente 18°C (21,7°C em Fevereiro e 15,2°C em Julho), com possibilidade de variações extremas entre 5°C de mínima no inverno e de até 38°C ou até mais de máxima no verão.

A pluviosidade média anual é de cerca de 1.900 mm, variando de 55 mm em Julho, que é considerado o mês mais seco a 300 mm em Dezembro.

Em relação à altitude, começa a ser notada a partir dos 200 metros e pode ser encontrada também em altitudes superiores aos 1.000 metros.

Aprecia luminosidade intensa, se localizando na maioria das vezes na parte alta das copas das árvores se beneficiando da alta luminosidade do sol filtrada pelas folhas e galhos das árvores, frequentemente entre bromélias e outras plantas epífitas. No entanto, é possível encontrá-la completamente exposta ao sol, sendo que nesses casos, as plantas assumem um porte menor, chegando alguns espécimes adultos a um tamanho de até um quarto daqueles encontrados em áreas mais protegidos do sol e ainda assim, florindo de forma exuberante em relação ao número e ao tamanho das flores. Também é possível encontrá-la em áreas mais escuras da floresta e nesses casos, as folhas ficam maiores, mais arqueadas e de cor mais escura que o habitual para a espécie. Além disso, essas plantas podem passar certos períodos sem florir devido a uma luminosidade menor.

Com certa frequência, são encontrados seedlings localizados em árvores a poucos metros e até a poucos centímetros do solo, mas esses dificilmente se desenvolvem até a idade adulta.

A planta também pode ser encontrada vegetando na forma rupícola, em pedreiras e rochas, na maioria das vezes sob a sombra de arbustos, protegida do sol das horas mais fortes do dia.



Fig. 01 - Habitat da *Laelia crispa*.



Fig.02 – *Laelia crispa* no seu habitat entre outras plantas epífitas.



Fig. 03 – Detalhe da planta crescendo no tronco principal .



Fig. 04 – Árvore hospedeira suportando diversos exemplares.



Fig. 05 – Touceira florida de *Laelia crispa* exposta ao sol.



Fig. 06 – *Laelia crispa* crescendo em galho horizontal a meia sombra.



Fig. 07 - *Laelia crispa* na floresta montana.

Características:

É uma orquídea de crescimento simpoidal, vigoroso, predominantemente epífita, unifoliada com pseudobulbos claviformes e uma espata no ápice de cada pseudobulbo. É uma planta que desenvolve um sistema radicular robusto e forma touceiras com facilidade.

Os pseudobulbos medem em média 25 centímetros de comprimento por 4,5 centímetros de largura, os dianteiros são roliços e os traseiros são sulcados.

As folhas medem em média 30 centímetros de comprimento por 6 centímetros de largura, podendo excepcionalmente atingir tamanhos muito acima do habitual descrito. São consistentes, sendo que as das plantas de menor porte costumam ser retas e nas plantas de maior porte frequentemente assumem uma forma arqueada.

A floração, habitualmente ocorre nas semanas mais quentes do mês de Fevereiro e menos frequentemente alguns espécimes florescem no final de Dezembro, no mês de Janeiro ou em Março e ainda menos frequentemente algumas plantas podem florir em Abril ou até mesmo em Maio.

Logo após a floração, geralmente em Março ou em Abril, se inicia a brotação dos pseudobulbos novos, os quais estarão completamente desenvolvidos com espatas entre os meses de Outubro e Dezembro. Entre Abril e Maio já é possível notar em algumas plantas a ponta de espatas surgindo das folhas em desenvolvimento.

É interessante observar, que pela coloração dos pseudobulbos e das folhas novas em desenvolvimento é possível fazer uma estimativa se as flores serão das formas sem pigmentos como alba ou pouco pigmentadas como a *coerulescens* e algumas cárneas, pois nesses casos os pseudobulbos e as folhas novas são completamente verde claro sem manchas ou pintas coloridas.

Nas formas *albescens* com coloração quase imperceptível no labelo, existem pouquíssimas pintas no pseudobulbo novo e nas folhas novas. Já nas *albescens* que apresentam linhas mais escuras no labelo, mesmo que essas sejam em pouca quantidade, já se tornam bem visíveis pintas e manchas mais coloridas nos pseudobulbos e nas folhas novas em crescimento. As formas suaves, em geral já são bem mais pigmentadas com pintas ou manchas na cor vinho sobre o verde do pseudobulbo e folhas novas já se tornando difícil de serem diferenciadas das rosadas e das estriatas, nas quais os pseudobulbos e folhas novas são frequentemente cor de vinho ou púrpura. Essa mesma observação feita em relação à coloração dos pseudobulbos e folhas em crescimento também é válida para as espatas florais (espatas completamente verdes ou com graus variados de pintas ou manchas coloridas). No entanto, essa regra não é absoluta.



Fig.08- A -Pseudobulbo de laelia crispa alba em desenvolvimento, completamente verde, sem nenhuma pinta ou mancha; B - Pseudobulbo da laelia crispa albescens “Neblina”, que mesmo sendo de flores muito claras, é possível notar algumas pintas coloridas no pseudobulbo novo; C - Pseudobulbo de *Laelia crispa coerulescens* sem pintas ou manchas; D - As plantas com flores de traços mais fortes no labelo ou de labelos bastante coloridos têm também o pseudobulbo novo bastante colorido.



Fig. 09 - Folha em desenvolvimento, bainhas, folha e espata intensamente coloridas.

As flores:

De espatas florais verdes ou manchadas de vinho, medindo habitualmente 15 x 4 centímetros, surgem as hastes florais de cerca de 35 centímetros de comprimento e delas as flores, que são de pouca substância, frágeis, com duração de cerca de sete dias se não forem molhadas e que geralmente medem entre 12 e 15 centímetros de diâmetro. A planta bem adaptada costuma dar de 5 a 11 flores por pseudobulbo novo e não raramente encontramos em uma única planta de dois a quatro ou até mais pseudobulbos novos, o que pode originar uma grande florada.



Fig. 10 - Botões coloridos de *Laelia crispa*.

A grande maioria dos espécimes apresenta pétalas, sépalas e freqüentemente também o labelo com formas retorcidas encrespadas, o que não desperta interesse comercial. A forma mais comum é aquela com coloração de pétalas e sépalas quase brancas, mas com algum sopro de cor rosa ou lilás. O labelo, em geral é púrpura ou cor de vinho e menos freqüentemente roxo, sendo as formas semi-albas, com pétalas e sépalas de um branco puro bem menos comuns.



Fig.11 - *Laelia crispa* típica em coloração e forma de pétalas, sépalas e labelos. encrespados.



Fig. 12 *Laelia crispa* semi-alba ‘Magrelinha’.

As formas com pétalas e sépalos completamente brancas são menos comuns que as que têm algum tom de rosa ou lilás nos seus segmentos florais.

Alguns clones formam grandes buquês de vistosas flores bastante coloridas e com desenhos inusitados no labelo, com segmentos florais menos encrespados e labelo aberto, o que tem despertado mais interesse comercial e têm sido cada vez mais ofertados por orquidários.



Após a polinização, surge a cápsula de sementes, que tem alguma semelhança com a fruta carambola e amadurece entre nove e dez meses.

Com sorte, as cápsulas maduras caídas sobre o substrato da planta mãe originarão novas plantas. Isso pode ocorrer tanto ao acaso por polinização desconhecida feita por inseto, como aquelas originadas de uma polinização intencional feita pelo cultivador, em que não houve interesse de fazer sementeira em meio de cultura apropriado.

Fig.13 - Cápsula de *Laelia crispa*.



Fig. 14 - Seedlings de *Laelia crispa* se desenvolvendo no substrato da planta mãe, que foram originadas de fecundação acidental por inseto polinizador.



Fig. 15 - Plantas originadas de polinização acidental.



Fig.16 - Inseto polinizador em ação.

Plantas selecionadas:

São plantas de coloração incomum e labelos diferenciados, formando arranjos de destaque.



Fig. 17: *Laelia crispa* var. *alba*.



Fig. 18 : *Laelia crispa* var. *albescens* 'Cândida'



Fig. 19: *Laelia crispa* var. *albescens* 'Neblina'.



Fig. 20: *Laelia crispa* var. *albescens* 'Rio do Ouro'.



Fig. 21: *Laelia crispa* var. *coerulescens*.



Fig. 22: *Laelia crispa* var. *suave* 'Itaipava'.



Fig. 23: *Laelia crispa* var. Suave 'Feirinha'.



Fig. 24: *Laelia crispa* var. Suave 'Mangalarga'.



Fig. 25 *Laelia crispa* var. cárnea 'Serrano'.



Fig. 26: *Laelia crispa* var. Pérola concolor.



Fig. 27: *Laelia crispa* var. pérola 'Rendas'.



Fig. 28. *Laelia crispa* var. pérola oculata



Fig. 29: *Laelia crispa* 'Tons de Roxo'.



Fig. 30: *Laelia crispa* var. *orlata* 'Maria Lúcia'



Fig. 31: *Laelia crispa* var. *orlata* 'CG'.



Fig. 32: *Laelia crispa* var. *estriata* 'Do Jorge'



Fig. 33: *Laelia crispa* var. *estriata* 'Lucinha'.

Plantas de menor qualidade:

Exemplos de plantas com sépalas e pétalas excessivamente finas e encrespadas.



Fig. 34: *Laelia crispa* 'Rodeio'.



Fig. 35: *Laelia crispa* *vinicolor* 'Samambaia'.

Cultivo:

O plantio em uma árvore que não forneça sombreamento muito intenso é a forma mais prática de cultivo, mas tem a desvantagem de não se poder mobilizar a planta durante a floração. Esse tipo de cultivo ainda hoje pode ser observado em antigos quintais e sítios mesmo aqueles localizados ao nível do mar no Rio de Janeiro.

Fora da opção de árvores, ela pode ser cultivada com sucesso ao nível do mar ou em cidades de baixa altitude no Rio de Janeiro, desde que receba uma boa ventilação, que haja um sombreamento de 50%, que o substrato tenha uma boa drenagem e que a rega seja feita sempre que o substrato secar.

Na minha experiência, utilizo as seguintes possibilidades de cultivo na região serrana do Rio de Janeiro:

- 1) Cachepô de madeira com casca ou toquinhos de árvore (Pinus, Peroba ou Sansão do campo).
- 2) Vaso de barro com um pouco de caco de vaso ou brita número um no fundo e substrato de casca grossa de árvore ou toquinhos de madeira preenchendo o vaso até a altura do rizoma da planta (quando a casca de pinus é muito fina deteriora mais rapidamente).
- 3) Vaso de plástico com brita número um pura.
- 4) Vaso de plástico com brita número um e um pouco de pinus por cima. Esse tipo de cultivo é mais sujeito a doenças.

Considero as duas primeiras opções como as melhores.

Os cultivos em vaso de plástico necessitam de mais vigilância, pois o esse tipo de vaso retém mais água.

Antes de ser usada, a brita deve ser bem lavada em água corrente e posteriormente deve ficar em solução de hipoclorito de sódio a 20% durante vinte minutos. Depois disso, deve ser bem enxaguada.

Quando uso caco de vaso de barro eu ferver antes.

As cascas de árvore e os toquinhos de madeira devem ser fervidos para retirar o excesso de tanino e para a prevenção dos vários tipos de doenças possíveis, dentre eles moluscos e fungos.

Considero que é sempre mais seguro deixar as plantas em local com o sombreamento de uma tela de 50% e com uma cobertura impermeável e transparente ou translúcida.

A rega pode ser feita duas vezes por semana no verão e uma vez por semana no inverno. Nas semanas de frio muito intenso a rega pode até ser dispensada. O excesso de rega é bastante prejudicial às plantas.

Em regiões mais quentes, as regas devem ser mais frequentes e realizadas sempre que o substrato estiver seco.

Para a manutenção da nutrição, é conveniente utilizar adubo químico foliar NPK 20 20 20 juntamente com micro-elementos aplicados quinzenalmente visando principalmente a rega das raízes e durante a brotação preferir o NPK 30 10 10. Não aplicar adubo em dias muito frios ou chuvosos.

Doenças:

Esse tópico se refere somente à experiência pessoal no cultivo dessa orquídea e não aborda aspectos agrônômicos.

Não é incomum encontrarmos sinais de ataques feitos por insetos, fungos, bactérias, moluscos e vírus mesmo nas plantas localizadas no seu próprio habitat.

Na natureza e em cultivos sem proteção de telas e coberturas impermeáveis, freqüentemente encontramos plantas atacadas por lagartas, gafanhotos, tentecoris, pulgões, ácaros e cochonilhas dentre outros.

No cultivo, embora seja essa uma planta bastante resistente, o excesso de rega, as chuvas repetidas, a pouca ventilação entre as plantas e a má drenagem dos vasos utilizados no cultivo, favorecem o aparecimento de diversos tipos de pragas.

Dentre os insetos, as cochonilhas e os tentecoris talvez sejam os mais freqüentes. Também são comuns os besourinhos que surgem principalmente na época da floração e atacam as flores causando grandes danos a essas. Menos comuns, são os ataques da vespinha negra e de lagartas de mariposas que se alimentam do vegetal através de túneis escavados nos pseudobulbos e até mesmo no rizoma da planta.

Nas coleções com poucas plantas, é possível minimizar o ataque da maioria desses insetos limpando as partes acometidas com uma escovinha macia e sabão de coco, usando óleo de Neem ou inseticidas de contato. No entanto, quando se dispõe de muitas plantas em que muitas delas estejam comprometidas, deverá ser avaliada a utilização de inseticidas de ação sistêmica, pois os ataques de insetos podem ser devastadores em curto espaço de tempo. Atentar que os inseticidas são sempre tóxicos aos humanos, a outros animais e contaminam o solo. Quando for usar não dispensar o uso de EPI.

Em relação às lesmas e caramujos, que devoram principalmente as raízes novas e as pontas dos pseudobulbos novos, a prevenção é a melhor solução, fervendo-se o substrato antes do plantio. A brita ou os cacos de vasos de barro utilizados na drenagem do vaso devem ser bem lavados, fervidos ou deixados de molho em solução de hipoclorito de sódio a 20% por vinte minutos. Existem no mercado, lesmicidas a base de Metaldeído, que podem ser aplicados sobre o substrato, mas que nem sempre erradicam completamente esses moluscos. As iscas feitas com rodela de batata inglesa ou chuchu, colocadas à noite sobre o substrato e recolhidas na manhã seguinte também podem ser de grande ajuda. Outra forma de diminuir a ação de moluscos é manter as plantas penduradas por ganchos.

Na minha experiência, são três as principais doenças provocadas por fungos na *Laelia crispata* e estão muito relacionadas ao excesso de umidade no ambiente, ao excesso de regas, sombreamento excessivo no local de cultivo, a má drenagem do substrato.

. Antracnose: Surge mais comumente na forma de manchas escuras na ponta da folha que vão descendo por essa com um halo ou uma faixa verde claro ou amarelo e progressão das manchas, culminando com a queda da folha e possível acometimento do pseudobulbo. Também pode se iniciar em outras partes da folha.



Fig. 36: Caramujos capturados com iscas de batata.



Fig. 37: Folha com extremidade necrosada por infecção de antracnose.



Fig. 38: Ápice da folha necrosado por antracnose.



Fig. 39: Broto acometido por antracnose.

Podridão da base: Provoca a necrose dos pseudobulbos novos em desenvolvimento. Ataca o rizoma na forma de mancha escura, que pode subir pelo pseudobulbo já desenvolvido, o qual pode secar completamente ou perder a folha.

Não raramente algumas plantas superam essa infecção sem nenhum tratamento feito pelo cultivador. É possível observar que uma planta saudável deixou pra trás dois ou três pseudobulbos previamente atacados sem que a doença tenha sido ao menos percebida. Em outros casos, a doença mostra-se bem agressiva, sendo capaz de exterminar a planta inteira ou parte dela em poucas semanas, mesmo quando é feito o replante e aplicado fungicida.

Cortar a parte da planta acometida pela doença com instrumento novo ou previamente esterilizado e replantá-la em um toquinho de madeira, em cachepô ou em vaso de barro com substrato de alta drenagem é uma boa alternativa.

Depois de fazer o replante, aplicar Difenconazol e/ou Tiofanato-metílico e repetir essa aplicação na semana seguinte. Muitas vezes o resultado é satisfatório.



Fig. 40: Antracnose em estágio avançado com diversos pseudobulbos já secos.

Mofo cinzento : Ataca as flores deixando-as com manchas cinzentas em todos os seus segmentos, principalmente nos dias chuvosos, o que compromete toda a beleza das flores.



Fig. 41: Mofo cinzento em *Laelia crispa*.

O ataque por **vírus** pode ser notado pela presença de manchas escuras com áreas de depressão central nas folhas, manchas formando círculos ou semicírculos e flores em mosaico, com colorido não uniforme. É importante salientar, que nem sempre é possível afirmar unicamente pela observação se as manchas escuras têm como agente causal vírus, fungos ou bactérias.

Caso o agente causador seja o vírus, só resta o descarte da planta, pois até o momento, não existe tratamento para esse tipo de doença, o que pode inclusive contaminar toda a coleção.

Agradecimentos:

Meus agradecimentos à minha mulher, Regina Lúcia Branco Martins de Almeida, minha grande incentivadora e que participou ativamente na arte final desse trabalho.

Nota: As fotos desse artigo são do autor.

Leptotes bicolor subsp. *serrulata* (Lindl.): redescoberta uma pequena população na Serra dos Orgãos

Carlos Eduardo M. Carvalho

carloseduardocarvalho002@gmail.com

Cássio van den Berg

vcassio@gmail.com

Jorge Reis de Figueiredo

Neste trabalho identifica-se uma população de um táxon com características diferenciadas em relação ao tipo de *Leptotes bicolor*. Opta-se por classificá-la como subespécie para fins ecológicos e estudos futuros de dinâmica de populações. Para este propósito, uma nova combinação é proposta no nível de subespécie.

***Leptotes bicolor* subsp. *serrulata* (Lindl.): Rediscovery of a small population in Serra dos Orgãos RJ.** In this work a population with distinct characters in relation to the type of *Leptotes bicolor* is reported and we choose to classify it as a subspecies for ecological purpose and future population dynamics. For this purpose a new combination is proposed at subspecific level.

Key words: *Leptotes*, Orchidaceae

Em uma breve expedição, nas proximidades do Rio Bananal em Guapimirim, RJ, nos deparamos com uma escarpa íngreme da montanha, onde notamos a ocorrência de indivíduos de *Leptotes* diferente dos que são encontrados em outras regiões ao longo da serra. Esta área se situa numa propriedade particular e é uma zona de amortecimento do Parque Nacional da Serra dos Orgãos. Este padrão morfológico das plantas já havia também sido observado pelo segundo autor em uma população oriunda da Serra do Mar em Salesópolis-SP e estão sendo cultivadas em Piracicaba-SP, no orquidário Dr. Paulo Sodero Martins (Departamento de Genética, ESALQ/USP). No caso das amostras do estado de São Paulo, parte dos pseudobulbos são bifoliados, da mesma maneira como observado na prancha original de Lindley.

O colorido suave dos labelos dos indivíduos, chama bastante atenção (Fig. 1 e Fig. 2). Particularmente interessante é a presença de indivíduos com pouquíssima pigmentação no labelo ou quase ausência (Fig. 3 e Fig. 4).

A análise comparativa do material encontrado com o material depositado em herbários, bem como o levantamento da literatura, levou-nos a uma espécie descrita por Lindley e uma variedade do taxon outrora descrita por Hooker.

Lindley (1838) descreveu *Leptotes serrulata*, uma espécie nova originária das serras do Estado do Rio de Janeiro (Macaé de Cima e Ilha Grande, cf. Ossenbach & Jenny, 2017) que foi ilustrada por Descourtiz como “*Epidendrum ficoide*”.

Lindley copiou a ilustração que acompanha a descrição no Sertum Orchidaceum, fazendo uma prancha praticamente idêntica à prancha número 28 do manuscrito não publicado de Descourtilz que está na Biblioteca do Institut de France. Segundo Ossenbach & Jenny (2017), estas pranchas foram enviadas para Lindley para identificação das espécies provalmente em 1836.

Em seu trabalho original onde foi descrito o *Leptotes bicolor* var. *glaucophylla*, Hooker (1839) relatou apenas que as plantas oriundas da Serra dos Órgãos foram enviadas por Gardner para Inglaterra e floriram em 1839 no Woborn Gardens, sem mencionar a localização precisa do local de coleta da espécie. Considerando que as margens dos rios Bananal e Soberbo foram bastante visitadas por coletores do Sec. XVIII em busca de nossa flora, é bem provável que tenha sido esta a região de coleta por Gardner.

Na descrição do táxon, Hooker (1839) analisou o exemplar e optou por classificá-lo como variedade e não como espécie nova. Destacou ainda as características cromáticas das folhas, razão para o epíteto *glaucophylla* que significa verde claro. De fato um grande percentual das plantas possui este aspecto, porem a característica mais marcante é o colorido lilás suave restrita à parte central do labelo, que fica evidenciada pelas margens brancas. A população encontrada possui esta característica, o que talvez tenha levado Hoffmannsegg (1843) a reconhecer a similaridade entre ambos os espécimes mantidas em cultivo.

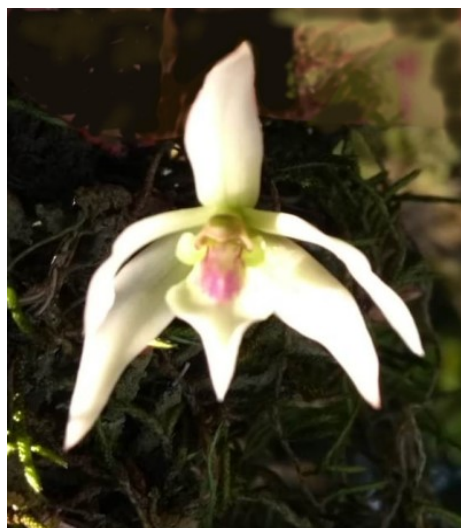


Fig. 1: *Leptotes bicolor* subsp. *serrulata*



Fig. 2: *Leptotes bicolor* subsp. *Serrulata*, hábito da planta no ambiente natural.



Fig. 3: *Leptotes bicolor* subsp. *Serrulata*, espécie com pouca coloração lilás no labelo.



Fig. 4: *Leptotes bicolor* subsp. *serrulata*, espécie com máculas lineares púrpura.

A questão que queremos registrar nesta nota é de relevância ecológica, uma vez que a citada população, encontrada nas proximidades do Rio Bananal em Guapimirim, é distinta das demais, seria assim mais adequado classificá-la como uma subespécie. Distinguir as populações, é conveniente e relevante para investigação do padrão evolutivo e da especiação no gênero. O estudo da dinâmica de populações aliado a determinações de código genético, esclarecerá o processo de radiação da espécie por outras áreas de ocorrência ou mesmo a origem do indivíduo que nucleou esta subpopulação.



Fig. 4: Ilustração do artigo do Lindley.



Fig. 5: Ilustração do artigo do Hooker.

Taxonomia:

Leptotes bicolor subsp. *serrulata* (Lindl.) C.E.M.Carvalho, J.R.Figueiredo & Van den Berg, *comb. et stat. nov.* Lectótipo (designado por Ossenbach & Jenny, 2017. Prancha original do manuscrito não publicado de J-T. Descourtilz, na Biblioteca do Institut de France (prancha 28, “Epidendrum ficoide”).

Basiônimo: *Leptotes serrulata* Lindl., Sertum Orchidacearum t. 11 (1838).

Sinônimos: *Leptotes bicolor* var. *serrulata* (Lindl.) Stein, Orchid.-Buch 307 (1892). *Tetramicra serrulata* (Lindl.) G.Nicholson, Ill. Dict. Gard. 4:30 (1887). *Leptotes bicolor* var. *glaucophylla* Hook., Bot. Mag. 66. t. 3734 (1839). *Leptotes glaucophylla* Hoffmanns., Bot. Zeit. 1:833 (1843).

LITERATURA CITADA

Hoffmannsegg, J.C. 1843. Literatur. *Botanisches Zeitung*, 1: 831-835.

Hooker, W.J. 1839. Plate 3734. *Leptotes bicolor*; var. *glaucophylla*.
Two-coloured *Leptotes*; glaucous-leaved var. *Botanical Magazineser.*2, 13: t. 3734.

Lindley, J. 1838. Plate XI. *Leptotes serrulata*. *Sertum Orchidaceaum*, 1: t. 11.

Ossenbach, C. & Jenny, R. 2017. Pioneers of the botanical exploration of South America – Early 19th century Jean-Theodore Descourtilz (1796-1855). *Lankesteriana*, 17(3): 433-472.

